

ENSINO DE CULTURAS NAS AULAS DE INGLÊS A PARTIR DE UM DIALOGISMO INTERCULTURAL

Cremilton de Souza Santana

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
niltoncte@hotmail.com

Diógenes Cândido de Lima

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
dlima49@gmail.com

Resumo: Este trabalho é enunciado sob a perspectiva da Linguística Aplicada, dialogando com vozes como as de Rajagopalan (2003, 2009), Lima (2009a), Kramsch (1993) e Mendes (2008). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com caráter exploratório e tem como objetivo discutir a questão do ensino de cultura nas aulas de língua inglesa a partir de um enfoque no dialogismo intercultural, buscando trazer uma exposição teórica que se consolidou após o estruturalismo. Os resultados encontrados mostraram que o ensino deste idioma pautado no dialogismo intercultural faz com que tanto o aluno quanto o professor reflitam sobre a cultura um do outro, a fim de se reconhecerem como sujeitos sociais, constituídos por meio da linguagem como atividade social.

Palavras-chave Cultura. Dialogismo Intercultural. Ensino de língua inglesa.

Introdução

O universo de ensino e aprendizagem de língua inglesa (doravante LI) no que se refere a ela como língua da comunicação global, é vasto. No entanto, neste trabalho propomos uma discussão sobre o ensino e aprendizagem deste idioma, voltado para um dialogismo intercultural que propicie interação entre as vozes do discurso (BAKTHIN, 2013). Nesse sentido, evidencia-se um entre-lugar sócio cultural, no qual professor e aluno como sujeitos sociais interagem de forma crítica e reflexiva sobre suas histórias culturais partilhadas, buscando o reconhecimento de si na alteridade constitutiva da linguagem, na tensão e no conflito cultural das relações sociais como são

inerentes ao dialogismo bakhtiniano, já que “do ponto de vista cultural, o sujeito é constituído por linguagem” (LIMA, 2009a, p. 182).

Nesse aspecto, a interação cultural reverbera em uma ação dialógica por natureza, pois com explana Bakhtin (2011, p. 293), “viver significa participar de um diálogo”, assim, a vida é repleta de aspectos culturais que se imbricam nas práticas dialógicas dos sujeitos como enunciados que atravessam a língua e os sujeitos na sua historicidade social que representa “[...] o verdadeiro diálogo, a troca entre sujeitos-mundos diferentes, entre línguas-culturas diferentes” (MENDES, 2008, p. 71).

Nesse sentido, somos sujeitos moventes, Brait (1997, p. 98), retomando Bakhtin, esclarece que estas transformações são referentes “ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, que existe entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade”. Desse modo, o dialogismo intercultural nas aulas de língua inglesa abre espaço para o processo de reflexão que busca compreender e transformar as significações culturais a partir da sua própria cultura para uma cultura outra, sem o intuito positivista/iluminista de classificação cultural em inferior ou superior, mas com o objetivo de reconhecer a si mesmo na relação intercultural solidária com o outro que, por não serem estáticas, se imbricam e se modificam ao longo do tempo.

Nesse quadro, as pesquisas em Linguística Aplicada, atualmente, se dedicam a desconstruir alguns princípios iluministas que tendem a classificar os sujeitos em tradicionais/modernos, primitivos/civilizados, falante ideal/falante não ideal, só para citar alguns exemplos. Estes aspectos de caracterização estão enraizados na maneira de ensinar e aprender a língua inglesa, visto que a maioria dos estudantes ainda tem em mente apenas as variantes do inglês dos Estados Unidos ou da Inglaterra. Dito isso, é necessário que o professor se posicione, enfatizando que, tendo o *status* de língua global, a língua inglesa não pertence a nenhum país. Assim, para Rajagopalan (2009), se tomar o inglês de um país como base, seja ele qual for, é seguir um modelo de falante ideal de falar a língua inglesa, restando a cada falante encontrar uma variante de falar o idioma para segui-lo como um modelo didático.

Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo discutir de forma reflexiva o ensino de língua inglesa a partir de um dialogismo intercultural, pois para Kramsch (1993), os aspectos

culturais deveriam ocupar o espaço de quinta habilidade de ensino e aprendizagem da língua inglesa, isto é, o ensino não focaria somente nas quatro habilidades tradicionais, a saber: audição, fala, leitura e escrita, mas busca uma maneira de inserir a cultura dentro das habilidades consideradas tradicionais.

No entanto, isso não é uma tarefa fácil, muito pelo contrário, é um desafio educacional (KRAMSCH, 1993), pois segundo a autora é complexo fazer o dialogismo entre o texto e o contexto nas aulas de língua inglesa, tendo em vista que a sala de aula pode ser vista como uma arena de conflito (BAKHTIN, 2011). Nesse sentido, para Kramsch (1993), o conflito cultural na sua heterogeneidade discursiva tanto na língua primeira do aprendiz quanto na língua de aprendizado, estabelece a percepção de um terceiro lugar de construção de novos significados e ressignificação cultural. Em consonância com Kramsch e Bakhtin, Kim (2008), explica que esse dinamismo dialógico de se comunicar consigo mesmo e com o outro contribui para a construção de uma identidade dinâmica, que se transforma e integra ao invés de cindir.

Na opinião de Lima (2009b), o aprendiz de língua estrangeira (LE) no século XXI tem como característica primordial a de ser textual. Nesse sentido, o autor sugere o ensino de LE tendo como suporte *cartoons*, charges, entre outros, uma vez que ele defende a ideia de estudar em primeira mão os aspectos culturais, bem como político e sociais através dos gêneros citados, assim, os quesitos gramaticais e de vocabulários ocupam lugar secundário, tendo em vista que estes seriam uma consequência do primeiro passo. Além disso, o texto oferece uma gama de possibilidade, posto que na leitura textual outros recursos são acionados de maneira simultânea, sejam eles os aspectos culturais ou lexicais.

Nesse contexto, para Lima (2004), é preciso levar em consideração as relações entre a língua e a cultura, pois segundo ele, a língua tem o papel de ser não só transmissora de cultura, mas é por meio dela que nos expressamos e compartilhamos cultura. O desafio agora será descobrir qual ou quais culturas ensinar de um idioma internacional, visto que o “*World English* não exclui ninguém, muito menos aqueles que se acham seus únicos donos” (RAJAGOPALAN, 2009, p. 42). Nesse sentido, o professor de língua inglesa será o responsável por colocar os alunos em contatos com o maior número de variedades de ritmos e sotaques de falantes do idioma ao

redor do mundo, porém não se deve privilegiar um ou outro sotaque. Assim sendo, Rajagopalan (2009, p. 46), alerta que:

Outro cuidado que o professor deve ter, desde o princípio, é o de desvincular a língua da cultura desse ou daquele país, posto que o *World English* é eminentemente transnacional e reflete diversas culturas. Não estou dizendo, de forma alguma, que devemos romper de vez a ligação íntima entre língua e cultura; estou dizendo apenas que o *World English* não pode ser, de maneira simplória, ligado a uma cultura particular.

Pensando assim, o inglês como língua do mundo ou língua ponte da comunicação, não oferece lugar de destaque para nenhuma cultura, para nenhum falante, nem mesmo para aqueles que reivindicam uma posição de falante nativo terá certos privilégios como “falante ideal”, porém, como o autor destaca, todos têm seu lugar no “*World English*”, mas com a condição de não ter nenhum *status* de superioridade ou privilégios.

Concluimos aqui nosso tópico inicial, partimos para o próximo que tem como objetivo apresentar nossa metodologia e fundamentação teórica.

Enquadramento teórico/metodológico

Os pilares teóricos e metodológicos deste artigo são enunciados sob às luzes da Linguística Aplicada que tem como objetivo elevar a qualidade do ensino/aprendizagem de língua estrangeira a partir de uma abordagem crítica que leva em consideração o uso real da linguagem por sujeitos inseridos na história. Nesse sentido, o enfoque na língua em uso, conforme explica Signorini (2006, p. 186), exige “uma compreensão aprofundada de sua dimensão histórica, social e política”. Nesse contexto, o foco no nosso caso, é entender e refletir sobre o ensino de cultura de maneira dialógica nas aulas de inglês.

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e está amparada nos conceitos de Chizzoti (2006, p. 19), ao argumentar que “a pesquisa qualitativa reconhece o saber acumulado na história humana e se investe do interesse em aprofundar as análises e fazer novas descobertas em favor da vida humana”. Dessa forma, buscamos base no que já foi produzido sobre o ensino intercultural para reflexão e construir novos conhecimentos no que refere ao ensino de LI com pressupostos dialógicos culturais.

No que se refere aos objetivos, esta pesquisa é exploratória. Adotamos esse tipo de investigação, pois acreditamos que ela oferece ferramenta necessária para uma discussão aprofundada sobre o tema proposto neste trabalho.

Para Lima (2009a, p. 180) “o papel da cultura (...) tem deixado de ser um assunto periférico para se tornar um tema de pesquisa e investigação no campo da linguística aplicada”. Assim, nos tempos de dialogismo intercultural, a língua inglesa é posta como língua da comunicação internacional. Partindo desse ponto, explanamos sobre os estudos interculturais nas aulas de inglês, pois conforme Oliveira (2012, p. 194), se faz necessária uma “abordagem intercultural que tem como proposta o desenvolvimento da competência comunicativa intercultural”. Dessa maneira, não se percebe o ensino de LI focado apenas nos quesitos gramaticais, na compreensão textual ou oral, mas evidencia a necessidade do aprendiz se situar no contexto social e cultural do idioma aprendido.

Desse modo, para Lima (2008, p. 89):

Para que uma língua estrangeira seja realmente adquirida, é necessário que seus aprendizes desenvolvam a competência comunicativa intercultural, a fim de que possam lidar com essa comunidade global e descobrir maneiras de ver o mundo ao seu redor sob uma perspectiva intercultural.

Devido a necessidade de lidarmos com falantes globais, o ensino e aprendizagem de língua inglesa precisa se inserir nesse contexto social e cultural, visto que língua e cultura não são desvinculadas uma da outra. Como postulado por Rajagopalan (2009), não basta apenas cuidar da maneira de falar para a comunicação entre as pessoas acontecerem sem nenhum impedimento. De acordo com o autor (p. 44) “Se as coisas fossem tão simples, um exército de professores de inglês solucionaria os conflitos no Afeganistão e no Iraque, permitindo que as partes em conflito dialogassem e encerrassem de vez suas queixas pendências!”. Em similaridade, Sarmiento (2004, p. 3) destaca que “mais do que somente uma língua em comum (...) É necessário que haja também um sistema compartilhado de crenças e inferências”.

Desse modo, é evidenciado que a língua está atravessada por questões ideológicas, políticas e sociais que constituem sujeitos mediante seus valores éticos e culturais situados

historicamente. Assim, a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (BAKHTIN, 2011).

Do mesmo modo, Ponzio (2008, p. 7) nos diz que “[...] um grupo social se reconhece como tal através de um processo complexo de diferenciação a respeito do que é diferente”. Dito isso, as questões culturais não são isoladas, elas aparecem e se constituem na interação dialógica, no qual cada sujeito cultural apresenta sua forma de ser na sua historicidade cultural e discursiva. Assim sendo, não há espaço para uma cultura desvinculada de um grupo social ou soberana. Desse modo, o dialogismo intercultural toma como referência o outro na alteridade bakhtiniana que está sempre em conflito nos seus mais variados contextos culturais, sociais, históricos, ideológicos, por exemplo. Pois, conforme postula Bakhtin (2011, p. 321), são sempre “[...] enunciados heterogêneos, como que alheios”. Isto é, cada sujeito carrega consigo traços da sua historicidade que são diferentes, mesmo fazendo parte de um grupo específico.

Língua e cultura caminham lado a lado

As concepções de língua e cultura são essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Diante disso, se compreendermos a língua apenas como um código ou sistema desassociado dos aspectos sociais e culturais, contemplaríamos uma visão de ensino e aprendizagem de língua inglesa a partir do ensinamento de um código linguístico, voltado para comunicação do meio social, histórico e cultural. No entanto, quando lançamos mão da concepção de língua vinculada aos fatores sociais estaríamos levando em conta a união entre cultura e língua. Por conseguinte, não pensamos a língua de forma isolada, mas defendemos a ideia de que língua e cultura caminham lado a lado, sem desassociar uma da outra.

Partindo dessas considerações, ensinar LI concomitantemente com os fatores culturais de forma dialógica contribui para a reflexão crítica do contexto social que englobam as normas culturais de um determinado grupo ou comunidade. Em consonância com o que foi abordado, Agar (2002) postula que a cultura se encontra na língua, e que a língua carrega cultura. Logo, elas não são desvinculadas, no entanto, cada sociedade tem consigo um recorte da sua realidade histórica e social. Por este motivo, cada sujeito integrante de um grupo leva na sua subjetividade suas vivências e conhecimentos de mundo, adquiridos ao longo da história de cada um como

sujeito sócio-histórico. Assim, no dialogismo intercultural a cultura ocupa lugar de prática social e com a associação entre língua e cultura, esse dialogismo torna a sala de aula intercultural no modo de agir e pensar dos sujeitos nas mais diversas manifestações de linguagens, sejam elas verbais ou não verbais.

No dialogismo intercultural não há nenhuma pretensão de qualificar ou classificar uma cultura como inferior ou superior, mas perceber e refletir por meio da interação cultural e social que cada cultura é única e possui suas formas de comportamento. Fica claro que quando uma cultura é posta diante de outra cultura, um estranhamento é evidenciado, mas tendo ciência da diversidade cultural, o aprendiz de língua inglesa estará apto a respeitar e conviver com as diferenças.

Partindo dessas premissas, compreender os aspectos sociais e culturais no processo comunicativo é de suma importância como esclarece Larsen-Freeman (1986, p.123):

Quando nos comunicamos, nós usamos a língua efetuando algumas funções, tais como, argumentar, persuadir ou prometer. Além disso, nós realizamos essas funções dentro de um contexto social. O falante irá escolher um jeito particular de fazer sua argumentação, não apenas baseado na sua emoção ou no seu nível de emoção, mas também em a quem ele está se dirigindo e qual é a relação dele com essa pessoa.

De fato, a língua não pode e nem deve ser desvinculada dos contextos sociais e culturais, uma vez que o dialogismo intercultural é consolidado na interação entre sujeitos. Logo, engloba outras manifestações da linguagem inseridas no contexto social, tendo em vista que somos sujeitos sociais e carregamos conosco as nossas vivências e leituras de mundo que são manifestadas no processo comunicativo entre pares, pois cultura é a nossa forma de ser, de se vestir e ver o mundo, isto é, a nossa maneira de externar a nossa identidade para o universo.

Não é uma tarefa nada fácil trazer uma definição do termo cultura para um mundo globalizado, pois conforme explica Lima (2009a) estamos em um mundo cada vez mais internacional, assim, conceituar cultura torna-se complexo.

Nesse contexto, tomamos emprestado da Antropologia o conceito de cultura que, na visão de Thompson (1995, p. 173), “a cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças,

costumes, ideias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade”. Assim, nossas atitudes e existências estão impregnadas de ações culturais. Como aponta Tavares (2006), é por meio da cultura que permitimos nos conhecer e conhecer o outro e interpretamos o universo do qual fazemos partes.

Para Kramsch (1993), adquirir aprendizado em um novo idioma é exercitar tanto uma voz social quanto uma voz pessoal e é uma maneira de letramento como meio de expressar significados pessoais que podem ir de encontro com os significados da comunidade de fala. Em consonância com o que foi dito tomamos as palavras de Rajagopalan (2003, p. 69) para explicar que: “quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa”. Isto é, a língua aqui é enunciada nos seus mais diversos aspectos discursivos que são determinantes para a constituição dos sujeitos, como bem afirma Marcuschi (2010, p. 23) “essa visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica”. Nestas questões são privilegiados os aspectos interacionais da língua e cultura em detrimento do aspecto formal e estrutural dela, já que “a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a realidade” (MARCUSCHI, 2010, p. 23).

Desse modo, a língua é um dos fatores constituintes das identidades dos falantes que se constrói no dialogismo intercultural com seu meio social. Nesse sentido, a comunicação intercultural não é algo dado ou estático, mas está sob constantes modificações e a língua/cultura, por terem características sociais, acompanham essas transformações históricas, sociais e culturais. Nesse sentido, o dialogismo intercultural “tem como objetivo maior o alcance da criticidade pelos aprendizes de LE” (BRITO, 1999, p.50).

Nesse quadro, Barthes (1977, p. 18) nos fala que “ [...] a língua é a parte social da linguagem; o indivíduo sozinho, não pode criá-la e nem modificá-la. Nesse ponto, a língua inglesa quando ensinada de forma intercultural e dialógica produz significados para o aluno que se sentirá inserido dentro do contexto cultural dele, do outro e da língua, visto que não se separa o sujeito nem da língua e nem do contexto social e cultural e nem tão pouco se separam língua e cultura.”.

Para Lima (2004, p. 212), “a linguagem é claramente envolvida na transmissão da cultura, comunidades de fala culturalmente diferentes podem usar o mesmo código linguístico, por

exemplo, Inglês, para realizar as necessidades culturais de seus respectivos grupos”. Nesse sentido, o aprendizado de língua estrangeira exerce um papel social, pois como já foi dito, quem aprende uma nova língua se torna um novo sujeito.

Nessa perspectiva, a aula de língua inglesa deve caminhar de mãos dadas com os aspectos culturais da língua/linguagem, pois segundo Lima (2009a, p. 185)

As normas internacionais sobre ensino e aprendizagem de língua estrangeira afirmam que estudantes de línguas estrangeiras não serão capazes de dominá-las sem dominar antes o contexto cultural em que essas línguas são exercidas. Por meio dos estudos culturais de determinada língua, os estudantes podem descobrir várias maneiras de ver o mundo. Assim, podem desenvolver competências interculturais fundamentais que os ajudem a participar da comunidade global.

Nesse quadro, surge a necessidade da prática do ensino de línguas ter enfoque no dialogismo intercultural, dentro de uma visão crítica e reflexiva do contexto cultural e social do ensino e aprendizagem de língua inglesa.

Ensino de línguas intercultural

No que concerne ao ensino e aprendizagem de língua inglesa, pesquisas voltadas para as abordagens interculturais ganharam certos destaques entre pesquisadores de forma internacional nas últimas décadas. Para Kim (2008), uma pessoa intercultural é capaz de refletir na forma que se relaciona consigo mesmo e com o outro, não no sentido de se separar, mas no sentido de se adaptar e integrar, construindo um novo sujeito com nova forma de pensar e agir no mundo que aprende a conviver em sociedade.

Isto posto, cabe ao professor nas aulas de LI discutir sobre as mais diversas culturas, costumes e hábitos culturais de cada aluno para que toda classe, inclusive o docente, reflita sobre o lugar de fala de cada sujeito, o qual é constituído na subjetividade, com as experiências de vidas que carrega consigo.

Dentro desse contexto, Lima afirma que (2009a, p. 185) “o professor não necessita se tornar bicultural ou bilíngue para desempenhar essa tarefa”. Por outro lado, o educador precisa ter certo conhecimento das características culturais da língua materna dos seus educandos. Além

disso, “é necessário que o professor amplie sua experiência e seu conhecimento, a fim de desenvolver sua capacidade de entender outras pessoas, outras sociedades e outras línguas” (LIMA, 2009a, p. 185). Assim, o dialogismo intercultural é posto em prática de forma empática, sem rejeitar a cultura e o saber do aluno, se reconhecendo na alteridade bakhtiniana. Nesta perspectiva, para Mendes (2008, p. 61), a abordagem intercultural é:

uma força potencial que orienta um modo de ser e agir, de ensinar, e de aprender, de produzir planejamentos e materiais culturalmente sensíveis aos sujeitos participantes do processo de aprendizagem, em busca da construção de um diálogo intercultural.

Assim, não trata apenas da transmissão de dados sobre uma ou outra cultura, mas oferece oportunidade para o aprendiz ampliar sua visão de mundo de forma crítica e reflexiva sobre os aspectos culturais da própria língua, bem como da língua estudada. Em consonância com Mendes (2008), Lima (2008, p. 89) defende que “para que uma língua estrangeira seja realmente adquirida, é necessário que seus aprendizes desenvolvam a competência comunicativa intercultural”, pois assim os aprendizes estarão aptos a lidarem com a comunidade global, bem como eles descobrirão novas formas de ver e de se apresentar para o mundo sob uma perspectiva dialógica e intercultural.

Dito isso, o professor se torna um mediador cultural ao demonstrar na prática o seu papel de formador de sujeitos críticos e reflexivos. Essa ação docente refletirá no processo de construção da identidade cultural do aluno que se constituirá na relação dialógica com o outro. No entanto, a interação cultural não deve ser vista como um fim em si só, entretanto, deve ser amparada em reflexões constantes tanto do professor quanto do aluno, tendo em vista que a relação dialógica é o engajamento de um longo caminho a ser percorrido, ou seja, o caminho para o respeito ao próximo nas suas mais variadas identidades culturais é construído passo a passo, assim como a história do conhecimento.

Hall (2002) ressalta que o processo de formação da identidade não é algo estático, isto é, ele está em constante transformação. Devido a isso, a cultura exerce grandes influências nesse processo de construção identitária, visto que entendemos cultura como parte constituinte da identidade de um povo. Assim, compreender a sala de aula como lugar de interação cultural entre os sujeitos abre possibilidades para “[...] a valorização do campo prático como espaço de produção

de conhecimento permite uma nova compreensão epistemológica da realidade” (BARROS, 2011, p. 112). Desse modo, a interculturalidade na prática permite reflexões entre sujeitos, respeitando as idiosincrasias de cada um nas suas subjetivações históricas e sociais que se imbricam e se transformam em novos conhecimentos que agregam valores na vida dos sujeitos.

Nessa perspectiva, retomamos Cavalcante (2012, p. 124) para explicar que é pertinente “valorizar aspectos como enraizamento, sentimento de pertença, permanência nos lugares e capacidades de originar as próprias riquezas”. Nesse quadro, o ensino de LI de forma dialógica entre professor, alunos e seus contextos culturais possibilitam a construção de novos saberes a partir do respeito mútuo diante das diversidades de pensamentos e maneiras de agir. Sendo assim, o ensino aprendizagem de uma língua estrangeira com uma interação intercultural requer uma escolha crítica para que o professor não seja um mero reproduzidor cultural de um modelo hegemônico de cultura que oprima os alunos.

Delineamentos finais

Pelo que foi abordado, concluímos que o ensino de língua inglesa sob uma perspectiva do dialogismo intercultural abre um leque de possibilidade de reflexão tanto do aluno quanto do professor sobre os aspectos culturais e sociais da língua, visto que um sujeito discursivo é social e historicamente situado. De sua voz e gestos partem representações dos lugares que ocupam em uma instância social e historicamente constituídos, tendo em vista que para ser intercultural é necessário levar em consideração o saber sobre o mundo do aluno, bem como valorizar sua cultura, sem julgá-lo, mas conduzindo-o para ter novas reflexões para ir construindo novos saberes sobre o mundo.

Desse modo, o professor assumindo sua posição de dialogia intercultural exerce a função de mediador de conhecimento a serem compartilhados que possibilitam perceber como os aspectos culturais estão imbricados na língua que constituem os aprendizes na sua exterioridade social. Assim, o contexto social e cultural da língua não é apenas determinante para a constituição dos sujeitos, mas também é possibilidade para o dialogismo intercultural no qual os sujeitos possam refletir sobre a história e a cultura do outro, bem como sobre sua própria cultura, promovendo,

assim, o surgimento de culturas outras e de novos conhecimentos a partir de um relacionamento intercultural crítico, reflexivo e recíproco.

Referências

AGAR, M. **Language shock**. 1. ed. Nova York: Perennial, 2002.

BAKHTIN, M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARTHES, R. **Elementos da Semiologia**. 14^a. ed. São Paulo, Cultrix, 1997.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: UNICAMP, 1997.

BRITO, I. de. **Conceito de cultura e competência**: contribuição para um ensino crítico de inglês no contexto brasileiro. Dissertação de Mestrado do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

CAVALCANTE, L. E. Mediação da Informação, Desenvolvimento Local e Comunidades. In: CAVALCANTE, E. L, PINTO B.V, VIDOTTI, S. A. B. G. (Org). **Ciência da Informação e Contemporaneidade**: Tessituras e Olhares. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. DPeA. São Paulo: 2002.

KIM, Y. Y. Intercultural personhood: globalization and a way of being. **International Journal of Intercultural Relations**, Maryland Heights, v. 32, p. 359-368, 2008.

KRAMSCH, C.J. **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and principles in language teaching**. Oxford, Oxford University Press, 1986.

LIMA, D. C. de. **Foreign language learning and teaching**: from theory to practice. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2004.

_____. **Vozes da (Re)conquista: o papel da cultura no ensino da Língua Inglesa**. Polifonia (UFMT), v. 15, p. 87-107, 2008.

_____. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009a.

LIMA, L. R. Texto e discurso no ensino de inglês como língua estrangeira. In: LIMA, D. C. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009b. p. 47-51.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

MENDES, E. Língua, cultura e formação de professores: por uma abordagem de ensino intercultural. In: MENDES, E. CASTRO, M. L. S. (Org.). **Saberes em Português: ensino e formação docente.** Campinas/SP: Pontes, 2008, p. 57-77.

OLIVEIRA, A.P. O desenvolvimento da competência comunicativa intercultural: na fronteira com a prática de ensino. In: SCHEYERL, D; SIQUEIRA, D. S. P. (Org.). **Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições.** Salvador: EDUFBA, 2012, p.191-212.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2008.

RAJAGOPALAN, K. A. **Por uma linguística Crítica: Linguagem, identidade e a questão ética:** São Paulo. Parábola Editorial, 2003.

_____. O inglês como língua internacional na prática docente. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 39-46.

SARMENTO, S. Ensino de cultura na aula de língua estrangeira. **ReVEL.** V. 2, n. 2, março de 2004. [www.revel.inf.br].

SIGNORINI, I. A questão da língua legítima na sociedade democrática um desafio para a Linguística Aplicada contemporânea. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada (In) disciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p.169-190.

TAVARES, R. R. Conceitos de cultura no ensino/aprendizagem de LE. In: **Língua, cultura e ensino.** (Org.) ROSEANNE, R. T. Maceió, Edufal, 2006.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social na era dos meios de comunicação de massa.** 5 ed. SP, Vozes, 1995.